

Jacques Lacan

Seminário 25 - O momento de concluir

1 - aula de 15/11/77 - a tagarelice

Comentário de Jairo Gerbase em 17/03/00

## 1] *Psicanálise e ciência*

Karl Popper<sup>1</sup> é um filósofo da ciência. Na pesquisa 'Psicanálise e Medicina' estamos estudando seu trabalho em colaboração com John Eccles, 'O eu e seu cérebro' onde ele desenvolve sua interessante teoria dos três mundos. Meu primeiro contato com Popper se deu através de seu livro 'A miséria do historicismo' que muito me impressionou, há alguns anos atrás. No entanto, aqui na Bahia, Naomar de Almeida, a quem considero um excelente exportador de saber [nós, ao contrário, continuamos consumidores do saber estrangeiro, quer dizer, importadores], considera Popper um empirista<sup>2</sup> já criticado por Thomas Kuhn.<sup>3</sup> Aliás, recentemente Naomar me surpreendeu dizendo que seu aforismo 'os dados não são dados, mas construídos' não quer dizer que admite o referente ausente. O 'Mestrado de Psicanálise na UFBA' também considera Popper um empirista. Eu pessoalmente gosto de Popper, sobretudo de sua idéia acerca da falsificabilidade do dado científico. Aliás, gosto de Popper e Bachelard, dado que eles consideram que há um certo corporativismo na comunidade científica, quer dizer, um cientista tende sempre a verificar o achado de outro cientista da mesma comunidade. A verificabilidade também pode ser observada na comunidade analítica, daí Popper dizer que a psicanálise não é uma ciência porque é irrefutável, posto que, de acordo com o artigo de Freud, 'Construções em análise', o jogo do analista é o do 'cara eu ganho, coroa você perde', quer dizer, o analista sempre tem razão. Popper, nesse sentido, parece ser o interlocutor de Freud.<sup>4</sup>

## 2] *Tagarelice*

A psicanálise é uma prática de tagarelice. É a regra fundamental da psicanálise: dizer não importa o que. Isso tem conseqüências em dois níveis: no nível do falar e do dizer, quer dizer, no nível semântico e no econômico, pois dizer, além de permitir conceber claramente, faz passar o gozo ao inconsciente.<sup>5</sup> Acredito que não estamos ainda nessa dimensão da regra fundamental da psicanálise, pois, de preferência, acreditamos que uma análise depende mais do que o analista diz, quer dizer, da interpretação, que do que o analisando diz, isto é, da associação livre.

Dizer tem a ver com o tempo. Certamente, aqui, Lacan se refere a uma idéia hegeliana, 'o conceito é o tempo da coisa', frase que ele comentou, certa vez, em seu seminário 1, a propósito da frase de Freud, 'o inconsciente é intemporal'.

Sonhamos com a ausência de tempo. Desde muito cedo, desde a infância, as crianças se preocupam com a eternidade, algumas chegando a conceber a invenção de máquinas da perpetuação da vida, para poupar a vida dos pais. Isso, em geral, acontece quando se realiza a idéia da morte, ainda que a morte não seja um conceito analítico, quer dizer, que o sujeito do inconsciente, ou melhor, que o falaser não conheça a morte. O inconsciente conhece a castração, ou seja, a verdade, mas não a morte. Disse outro dia que esta é uma boa diferença entre a psicanálise e a filosofia: a filosofia se ocupa da relação do homem com sua existência, o que implica a morte, enquanto que a psicanálise se ocupa da relação do homem com a mulher, quer dizer, se ocupa da relação sexual que infelizmente não existe. Por isso se diz que a psicanálise não é uma ontologia.

O inconsciente é a hipótese de que não sonhamos apenas enquanto dormimos, quer dizer, não temos consciência a todo instante, salvo quando se é obsessivo, o que torna possível nomear a obsessão de sintoma da consciência. Ao contrário, em geral, somos autômatos, ou seja, o pensamento, ou melhor, a linguagem *cela va de soi*, como se diz em francês. Dito de outra maneira, o automatismo mental é normal, daí ser difícil admitir o despertar.

### 3] Racionalidade

A racionalidade é uma fantasia, uma aspiração, quer dizer, uma racionalização. La Fontaine diz que quando o homem não atinge um objeto [tal como a uva], racionaliza afirmando: estão verdes. Por sua vez, Freud diz que quando o homem não sabe dar a significação ao objeto inacessível, delira ou fantasia na condição de ser psicótico ou neurótico, respectivamente. Lacan nomeia isso de significação da significação ou significação ao quadrado.

A racionalidade depende do que os lógicos chamam de domínio ou universo [U] do discurso. O universo da geometria é o ponto; o da matemática é o número; o da psicanálise é o furo. A racionalidade geométrica passou muito tempo restrita à forma do círculo, da esfera; fez disso uma concepção de mundo. Só a partir da topologia pôde-se ir ao toro, à trança. Isso permitiu a Escher desenhar objetos ilusórios como a *Waterfall*, a Bach fazer musica de oferenda, a Gödel formular o teorema da incompletude, a Joyce escrever o *Finnegans Wake*, a Lewis Carroll fazer os *mots-valise*, a Freud descobrir a *Verdichtung*. É o que Hofstadter chama de '*strange loops*', que traduzo por 'giro singular'.<sup>6</sup> Um sintoma como a fobia, por exemplo, não pode ser decifrado de uma maneira linear, circular, esférica; é necessário conceber sua formação como um nó, uma trança.

### 4] A palavra fende a coisa

A palavra faz a coisa [*fait la chose*] ou fende a coisa [*fêle achose*]. O estabelecimento do texto publicado em *Ornicar?* traduz essa expressão por [*fête la chose*], festeja a coisa, mas me parece que é mais apropriado dizer, como na transcrição inédita que possuo, que a palavra fende a coisa. Essa discussão é uma retomada da aula 'Efeitos de significante'<sup>7</sup> e começa no Crátilo, de Platão.

Que a interpretação opera por intermédio do equívoco, é uma hipótese da qual Lacan se ocupa desde o '*L'Étourdit*' e à qual retorna na primeira aula do seminário 'O sintoma'.<sup>8</sup> É que o equívoco aponta para o sexo, o que é fácil notar, observando-se a dimensão metafórica, quer dizer, fállica da palavra, ou, como diria Machado de Assis: 'as palavras tem sexo'.<sup>9</sup>

Guiraud<sup>10</sup> também diz que 'todas as palavras remontam a uma primeira palavra que designa uma função ou um elemento corporal'. O dicionário erótico de Guiraud é um dicionário de metáforas e metonímias. Mao dizia que desde que se abre a boca se faz propaganda e Guiraud diz que desde que se abre a boca se fala falo. Nesse sentido, a mulher fala sempre uma língua estrangeira.<sup>11</sup> Lacan, por seu turno, diz que 'todas as metáforas do conhecimento são sexuais. As catástrofes elementares de Thom é equivalente ao aforismo hegeliano 'todo conceito é um animal estilizado' ou ao 'o espírito é um osso', ao 'a alma é a imagem do corpo' de Aristóteles e ao 'a linguagem é um órgão' de Chomsky. *Nomina non sunt consequentia rerum*, de Lacan, por sua vez, é uma tese contrária a tudo isso. Nele, o que prevalece é a noção de real. O efeito que se propaga não é de comunicação da fala, mas de deslocamento do discurso.

### 5] Por tudo isso: o sexo é um dizer

Satisfazer a pulsão sexual é dizê-la, pode-se enunciar essa frase dessa maneira, assim como é possível enunciá-la dizendo: 'não há relação sexual'. A noção que convém à relação sexual é a noção de conjunto vazio [∅]. Já fizemos juntos, muitas vezes, esse exercício de demonstração de que a união do conjunto unitário do falo [Φ] com o conjunto vazio do outro sexo é impossível: [ (Φ) // (∅) ]. Fundamento nessa impossibilidade de união dos conjuntos do todo e do não-todo, minha crítica à noção de Eros, que se aplica inclusive ao grupo analítico.<sup>12</sup> Não é verdade que Eros faz a união porque a união sexual é impossível e isso graças ao significante.

## 6] O retórico

O psicanalista é um retórico. Ele retórica, quer dizer retifica. Retificar é, nesse caso, operar com a sugestão, ou operar com a elipse, tal como exemplifica Lewis Carroll: 'Toque a campainha também'. A verdade [V] é um valor lógico, mas é também um lugar no discurso:

\_\_\_\_\_  
a verdade

O real [R] é o impossível. Pelo menos nesse sentido a verdade [V] e o real [R] têm a ver: a verdade e o real são formas do impossível de dizer, de escrever. O simbólico [S] tenta então dizer tanto a verdade [V] como o real [R], mas dado que não consegue, diz outra coisa, alguma coisa próxima, uma fantasia, uma racionalidade, uma significação ao quadrado, e é por isso que Lacan acaba dizendo que o real [R] é duplicado pelo simbólico [S].

## 7] Nós e laços

Não há metalinguagem, ou seja, não é possível falar de uma língua na própria língua. Lacan toma posição ao dizer que com seu enunciado não há metalinguagem queria na verdade dizer que não há a linguagem, que só há línguas.

Freud foi o primeiro a dizer isso: 'Com efeito, talvez seja errado dizer que a histeria cria essas sensações através da simbolização. É possível que ela não tome em absoluto o uso da língua como seu modelo, mas que tanto a histeria quanto o uso da língua extraíam seu material de uma fonte comum.'<sup>13</sup>

Donde a definição da análise como a operação por intermédio da qual, por uma suposição, se chegue a desfazer pela fala o que foi feito pela fala. O léxico suposição, que aparece aí, se deve a Occam.<sup>14</sup>

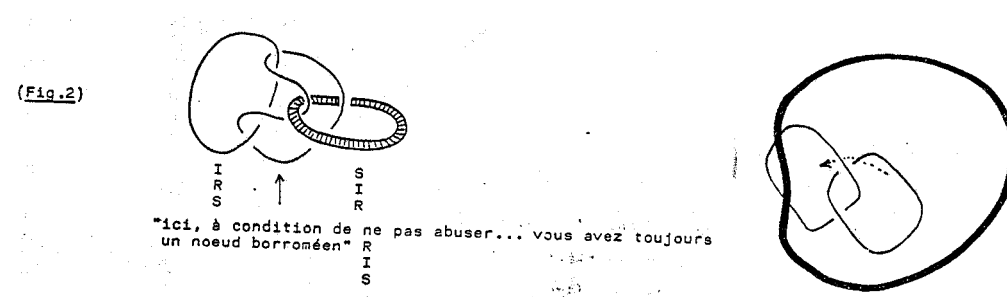
## 8] O desejo

*Wunsch*, por sua vez, é um léxico de Freud. É o desejo. Não é uma aspiração. Não se sabe o que se deseja. O desejo suporta a demanda. O desejo do analista é um bom exemplo do que é o desejo. Posso fazer paródia, afirmando que o desejo [sexual] é um dizer, ou melhor, um querer dizer. Assim se constitui uma demanda.

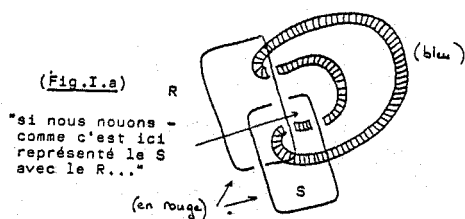
Lacan inventou o sujeito suposto saber exatamente para que o psicanalista parasse de se crer idêntico a ele. É preciso conceber o desejo sempre ligado ao significante, isto é, à demanda.

## 9] O nó borromeano

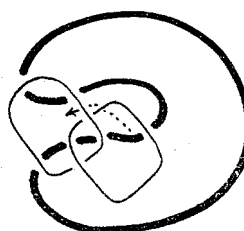
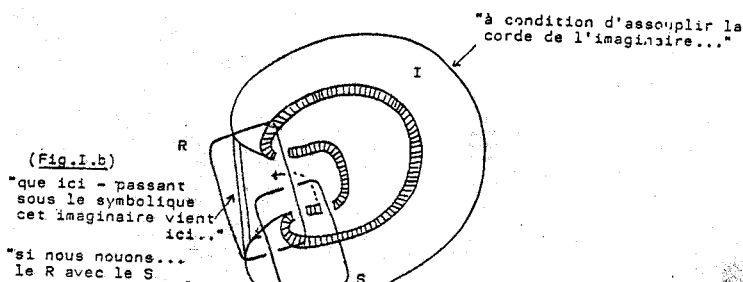
Assim se desenha o nó. A nomeação dos círculos não é unívoca.



Atar [R] e [S] seria o ideal porque a palavra [S] faz a coisa [R].



O sintoma é a consequência da inadequação da palavra à coisa. Não tenho certeza se isso se compreende. O sintoma não é a consequência da palavra traumática do outro [que doravante posso escrever sempre com minúscula], mas pura e simplesmente a inadequação do simbólico [S] ao real [R]. O trauma é a inadequação da palavra à coisa. A coisa freudiana quer dizer que o psicanalista só tem a ver com a inadequação da palavra à coisa, do simbólico ao real, da linguagem ao dado. Essa é uma boa distinção entre psicanálise e psicoterapia: a psicoterapia tem a ver com a palavra traumática, a psicanálise tem a ver com a palavra. Por essa razão, o laço do simbólico [S] com o real [R] não se sustenta sem a introdução de um outro recurso que é o imaginário [I].<sup>15</sup>



Dito de outra maneira, não falamos senão aparentemente, quer dizer, não falamos senão de parentesco, de papai e de mãe,<sup>16</sup> que a via por intermédio da qual é possível tratar o real. Se falássemos de uma outra coisa que não o parentesco, se falássemos da pólis, a análise fracassaria.

#### 10] *A neurose não é natural*

O que é natural em um falaser, dado que é ser de linguagem, é o simbólico. A utopia de Lacan é a de que seria possível emergir um significante novo ao qual o sujeito se identificaria. Dito de outra maneira, não há nada mais natural no falaser que o significante, que aliás representa o representa para um outro significante, o que quer dizer que nenhum significante sozinho é capaz de representar o falaser.

O organicismo, mesmo em sua geração contemporânea, a dos neurotransmissores, supõe que podemos dar conta de tudo pelo orgânico. A genética é também um dizer, ou, de preferencia, uma hipótese.<sup>17</sup> Devemos opor à genética a lógica, dado que temos a ver com a hipótese de que a palavra faz a coisa, e especialmente temos a ver com a noção de não contradição: uma frase não pode ser ao mesmo tempo verdadeira e falsa. Decidir se a frase é verdadeira ou falsa depende do peso do analista, de sua função apofântica.

Preocupado em contestar o organicismo, mas ao mesmo tempo em perseguir a cientificidade da psicanálise, Freud acabou propondo o conceito de pulsão sexual.

O fundamento da psicanálise não é o complexo de Édipo, é a não-relação sexual e isso não é a mesma coisa. Na passagem do significante ao significado há alguma coisa que se perde. Estamos falando da propriedade associativa dos conjuntos e certamente o que se diz com o enunciado não há relação sexual é que não pode haver uma reunião de conjuntos como esses  $[(\Phi) // (\emptyset)]$ , homem e mulher, dentre os quais há um que notamos como o conjunto da mulher e que não tem elemento, que é um conjunto vazio. Portanto, para dizer nos termos da teoria dos conjuntos de Cantor, não pode haver reunião entre os conjuntos homem e mulher.

De modo que mais tarde, nesse seminário, na aula de 11/04/78, ela vai dizer que esse enunciado não há relação sexual é o fundamento da psicanálise. Não há relação sexual salvo entre gerações vizinhas, quer dizer, os pais, de um lado, os filhos, de outro. Ele já havia dito assim, em outro lugar, desse modo: não há relação sexual senão incestuosa ou assassina.

---

<sup>1</sup> Um dos filósofos mais influentes do século XX, o pensador britânico de origem austríaca Karl Popper acreditava que o conhecimento, em especial o conhecimento científico, decorre da experiência individual e, assim, não pode ser verificado por meio do raciocínio indutivo.

Karl Raymond Popper nasceu em Viena em 28 de julho de 1902. Após estudar matemática, física e psicologia na Universidade de Viena, iniciou a carreira profissional como professor em escolas primárias e, depois, no ensino médio. Ingressou no Instituto de Psicologia de Viena em 1928, quando começou a escrever. Quando do doutorado, em 1928, estabeleceu contato com os membros do Círculo de Viena, com o qual foi erroneamente identificado, pois na verdade criticou severamente o positivismo lógico que caracterizou o grupo. Professor de filosofia da Universidade de Canterbury, Nova Zelândia, entre 1937 e 1945, Popper voltou à Inglaterra nesse último ano, como professor de lógica na Universidade de Londres. Membro ativo de diversas organizações internacionais de filosofia, Popper viajou constantemente, ao longo de sua carreira, para proferir conferências em universidades dos Estados Unidos e da Europa. Segundo Popper, o progresso da ciência se faz em três etapas: a colocação de um problema, a apresentação de soluções provisórias e a tentativa de refutar essas conjecturas. Essa concepção é radicalmente oposta ao raciocínio indutivista, que se resume também em três etapas: observação, generalização dos resultados observados em leis e confirmação das leis gerais. Agraciado por muitos títulos honoríficos, inclusive o de Sir e de professor emérito da Universidade de Londres, Popper escreveu, entre outras obras, *Logik der Forschung* (1934; *Lógica da pesquisa*), *The Open Society and Its Enemies* (1945; *A sociedade aberta e seus inimigos*) e *The Poverty of Historicism* (1957; *A miséria do historicismo*). Karl Popper morreu em Croydon, Inglaterra, em 17 de setembro de 1994. ©Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda.

<sup>2</sup> Na história do pensamento, o racionalismo fundou-se sobre a crença na capacidade do intelecto humano para compreender a realidade. Incorreu, todavia, em excessos metafísicos que fizeram dele um sistema filosófico fechado. Diante disso, surgiria na Inglaterra o empirismo, segundo o qual nenhuma certeza é possível, nenhuma verdade é absoluta, já que não existem idéias inatas e o pensamento só existe como fruto da experiência sensível. Empirismo é a doutrina que reconhece a experiência como única fonte válida de conhecimento, em oposição à crença racionalista, que se baseia, em grande medida, na razão. O empirismo deu início a uma nova e transcendental etapa na história da filosofia, tornando possível o surgimento da moderna metodologia científica. Do ponto de vista psicológico, identifica-se com "sensualismo" ou "sensismo", pelo menos em seus representantes mais radicais. Comparado ao positivismo, designa principalmente o método, enquanto o positivismo designa a doutrina a que esse método conduz. Em termos estritamente gnosiológicos, o que o caracteriza e define é a afirmação de que a validade das proposições depende exclusivamente da experiência sensível. Na perspectiva metafísica, identifica-se o empirismo com a doutrina que nega qualquer outra espécie de realidade além da que se atinge pelos sentidos. Caracterização. Nem sempre é fácil distinguir empirismo e ceticismo. Considerado o fato de que o empirismo não participa da dúvida universal, muitos entendem válida sua conceituação como forma expressiva de dogmatismo. Todavia a dificuldade de caracterizá-lo decorre do número elevado de suas ramificações. O fenomenismo de David Hume e o imaterialismo de George Berkeley são duas de suas ramificações mais significativas, às quais convém ainda acrescentar o próprio positivismo. Apesar dessas diversificações, alguns autores pretendem caracterizá-lo mediante seis afirmações básicas, algumas delas essencialmente expressivas de suas formas mais radicais. São elas: (1) não há idéias inatas, nem conceitos abstratos; (2) o conhecimento se reduz a impressões sensíveis e a idéias definidas como cópias enfraquecidas das impressões sensoriais; (3) as qualidades sensíveis são subjetivas; (4) as relações entre as idéias reduzem-se a associações; (5) os primeiros princípios, e em particular o da causalidade, reduzem-se a associações de idéias convertidas e generalizadas sob forma de associações habituais; (6) o conhecimento é limitado aos fenômenos e toda a metafísica, conceituada em seus termos convencionais, é impossível. Histórico. O empirismo revelou-se na filosofia grega sob a forma sensualista, citando-se como seus representantes Heráclito, Protágoras e Epicuro. Na Idade Média seu mais significativo adepto foi Guilherme de Occam; expressou-se então por meio do nominalismo, cuja tese central é a não-existência de conceitos abstratos e universais, mas apenas de termos ou nomes cujo sentido seria o de designar indivíduos revelados pela experiência. O empirismo moderno tem como seus principais representantes John Locke, Thomas Hobbes, George Berkeley e David Hume. Mas não se esgota aí o movimento. Sem dúvida, Jeremy Bentham, John Stuart Mill (em que o empirismo se converte

---

em associacionismo) e Herbert Spencer podem ser citados como figuras representativas do fenomenismo nos domínios da ética, da lógica e da filosofia da natureza.

Esse empirismo enfrentou uma série de dificuldades, sendo a principal e mais profunda a que Immanuel Kant reconheceu, ao proceder, em sua *Kritik der reinen Vernunft* (1781; *Crítica da razão pura*), à distinção entre a experiência enquanto passo inicial do conhecimento e enquanto dado absoluto do conhecimento. O significado do empirismo pode ser examinado considerando a validade de suas afirmações centrais. Tais afirmações são: (1) a rejeição da tese das idéias inatas; (2) a negação das idéias abstratas; (3) a rejeição do princípio da causalidade e, por decorrência e generalização, dos primeiros princípios da razão. A argumentação contra o inatismo foi esgotada por Locke. Negadas as idéias inatas enquanto idéias explicitadas, elas não poderiam deixar de estar presentes nas crianças e nos selvagens. A possibilidade de sua preexistência, meramente virtualizada ou implícita, desde logo é prejudicada, por se revelar contraditória com a conceituação da consciência tal como a formulou Descartes e tal como a admitiu Locke. A argumentação contra a validade da teoria da abstração é da autoria de Berkeley. Hume considera-a definitiva e irrespondível. Segundo Berkeley, não se poderia conceber isoladamente qualidades que não podem existir em separado, como cor e superfície. Nenhuma condição existe para se pensar em cor, senão em termos de extensão ou superfície; a vinculação de uma à outra é essencial. De resto esse foi um dos caminhos explorados por Edmund Husserl, em função da técnica das variações imaginárias, para atingir o reino das essências. Ainda segundo Berkeley, qualquer representação será individual. Não se representa o homem, mas Pedro ou José. O triângulo conceituado nunca deixará de ser isósceles ou escaleno. A crítica ao princípio da causalidade foi feita por Hume e constitui um dos pontos centrais de sua contribuição à epistemologia. A causalidade, entendida como poder de determinação e como relação necessária, é recusada. Nenhuma fundamentação sensorial se lhe poderia oferecer. Apenas se admitem seqüências de eventos reforçadas em termos de hábitos. Aceita e ampliada sua validade, a crítica invalida todos os chamados primeiros princípios. Precisamente assim procederam Stuart Mill, Spencer e, mais modernamente, L. Rougier, Charles Serrus e todo o Círculo de Viena. Berkeley, George; Ceticismo; Epistemologia; Hobbes, Thomas; Hume, David; Locke, John; Metodologia científica; Mill, John Stuart; Positivismo; Racionalismo ©Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda.

<sup>3</sup> Kuhn, Thomas (n. em 1922). Filósofo americano. Seu pensamento tem por base os sistemas científicos e principalmente o processo de evolução histórica da ciência. A estrutura das revoluções científicas (1962). Retórica. ©Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda.

<sup>4</sup> Sempre me pareceu ser algo grandemente a crédito de certo bem-conhecido homem de ciência ter ele tratado a psicanálise com justiça, numa época em que a maioria das outras pessoas não se sentiam em tal obrigação. Em determinada ocasião, todavia, expressou ele uma opinião sobre a técnica analítica que foi, ao mesmo tempo, depreciativa e injusta. Disse que, ao fornecermos interpretações a um paciente, tratamo-lo segundo o famoso princípio do *'Heads I win, tails you lose'*. Isso equivale a dizer que se o paciente concorda conosco, então a interpretação está certa, mas, se nos contradiz, isso constitui apenas sinal de sua resistência, o que novamente demonstra que estamos certos. Desse modo, estamos sempre com a razão contra o pobre e desamparado infeliz que estamos analisando, não importando como ele reaja ao que lhe apresentamos.

<sup>5</sup> Ver Radiofonia.

<sup>6</sup> Ver meu 'Isto é a fobia', do qual isolo este excerto: Apreciei, de preferência, o caso do menino Herbert Salles, porque aponta um elemento estrutural na constituição de todo sintoma mental e, em especial, de uma fobia: a identificação. A identificação é o signo inconsciente de um ponto de congruência entre dois sujeitos. A congruência reside no usufruto comum ao sintoma. A incidência de mais de um caso na mesma família, não é evidência de uma determinação genética, mas de uma determinação baseada em uma identificação. Ao contrário do que a reportagem sugere, o caso Salles mostra também, de preferência, a relação estreita entre fobia e obsessão e a relação longínqua entre fobia e depressão. Há o caso do sujeito que se recusa a sair de sua casa porque a polícia pode confundir-lo com um traficante de drogas. Não pára de pensar nesse assunto que lhe causa ansiedade. Ele se aflige quando se descuida e diz a seu filho: vá escovar os dentes, porque teme que sua frase se preste a mal-entendidos tais como: entregar as drogas, dada a relação de congruência entre as letras [e e d]. Há sempre elementos necessários e contingentes na formação de uma fobia.

<sup>7</sup> Ver meu comentário da aula referida do Seminário 24, *L'Insu...* de onde destaco: - *a relação som-sentido*: a discussão se inicia no Crátilo de Platão, está ligada a Heráclito e supõe que é natural a atribuição dos nomes às coisas. Saussure (Curso de lingüística geral) contrariamente defende a tese de que a denominação lingüística é arbitrária: o aspecto fônico é independente do aspecto semântico. É interessante evocar, a esse respeito, a intrigante pesquisa de Brisset sobre uma espécie de etimologia sonora que implicaria, por exemplo, que a palavra francesa *l'hôtel* (morada) é derivada de *l'eau tel* (água tal) dado que a palafita era a morada primitiva do homem. - *a relação significante-significado*: Saussure distingue rigorosamente o referente do signo lingüístico (a coisa à qual o signo remete) e seu significado (o conceito evocado pelo significante), obrigando a discussão se deslocar da relação som-sentido ou nome-coisa para uma relação no interior do próprio signo. Portanto, além de definir o saber como efeito do significante, Lacan se perguntou: quem sabe? E respondeu: o Outro, lugar do significante, logo, o próprio significante. Por sua vez, a verdade depende dessa dupla definição: o saber é um efeito de quem sabe, isto é, do significante. Também se deduz daí a tese de que o sujeito é efeito do saber, ou seja, efeito de significante.

<sup>8</sup> Ver meu 'A supervisão', do qual destaco: Em um momento bastante tardio de seu ensino (18/11/75), Lacan considerou que a supervisão contém duas etapas: uma primeira, em que o supervisor faz mais ou menos não importa o que e sempre tem razão e, uma segunda etapa que consiste em jogar com o equívoco que pode dissolver o sintoma. Ele dizia que é unicamente pelo equívoco que a interpretação opera, que o equívoco é a única arma contra o sintoma.

<sup>9</sup> Ver "O conego".

<sup>10</sup> Pode-se consultar, a esse respeito, a *Liminaire* de *Ornicar?* 16, de Miller, onde se encontrará a referência à *Sémiologie de la sexualité* e ao *Dictionnaire érotique* de Pierre Guiraud. Neste número da revista se encontrará também um artigo de Guiraud

---

'*Des noms de la femme*', assim como uma entrevista com René Thom sobre a teoria das catástrofes, com a qual Thom faz sua concepção de mundo, entrevista da qual Lacan participa. René Thom recebeu um prêmio equivalente ao Nobel por seu trabalho sobre 'a topologia das variedades diferenciáveis'.

<sup>11</sup> Cf. Miller, *op. cit.*

<sup>12</sup> Ver meu 'Fascinação e insulto'.

<sup>13</sup> Ver as últimas considerações do caso de Elizabeth von R., em 'Estudos sobre a histeria'. Nesses exemplos, o mecanismo da simbolização parece ser relegado a uma importância secundária, como sem dúvida é a regra geral. Mas disponho de exemplos que parecem provar a gênese dos sintomas histericos apenas através da simbolização. O exemplo que se segue é um dos melhores e se relaciona, mais uma vez, com a Sra. Caecilie. Quando contava quinze anos, ela estava deitada na cama sob o olhar vigilante da avó rigorosa. A moça subitamente deu um grito; sentira uma dor penetrante na testa, entre os olhos, que durou semanas. No decorrer da análise dessa dor, que foi descrita após quase trinta anos, ela me disse que a avó lhe dirigira um olhar tão "penetrante" que fora direto até o cérebro. (Ela sentira medo de que a velha a estivesse olhando com desconfiança.) Ao contar-me isso, irrompeu numa sonora gargalhada e a dor mais uma vez desapareceu. Neste caso, não posso discernir outra coisa senão o mecanismo da simbolização, que tem seu lugar, em certo sentido, a meio caminho entre a auto-sugestão e a conversão. Minha observação da Sra. Caecilie M. proporcionou-me a oportunidade de fazer uma coletânea sistemática de tais simbolizações. Todo um grupo de sensações físicas que normalmente se considera que são determinadas por causas orgânicas era, no caso dela, de origem psíquica, ou pelo menos possuía um significado psíquico. Uma série específica de suas experiências foi acompanhada por uma sensação de punhalada na região cardíaca (significando "apunhalou-me no coração"). A dor, que ocorre na histeria, em que se cravam pregos na cabeça tinha sem dúvida de ser explicada, no caso dela, como uma dor relacionada com o pensamento. ("Uma coisa me entrou na cabeça.") As dores dessa espécie eram sempre dissipadas tão logo os problemas em jogo eram esclarecidos. Junto com a sensação de uma "aura" histerica na garganta, quando essa sensação surgia após um insulto, havia a idéia de que "terei de engolir isto". A paciente apresentava uma quantidade enorme de sensações e idéias que corriam paralelamente umas às outras. Ora a sensação evocava a idéia que a explicava, ora a idéia criava a sensação por meio de simbolização, e não raro tinha-se que deixar em aberto a questão de qual dos dois elementos fora o primário. Não constatei nenhum uso tão extenso da simbolização em qualquer outro paciente. É verdade que a Sra. Caecilie M. era uma mulher de talentos bastante incomuns, principalmente artísticos, e cujo senso muito desenvolvido da forma era revelado em alguns poemas de grande perfeição. Sou de opinião, contudo, que quando um histerico cria uma expressão somática para uma idéia emocionalmente colorida, através da simbolização, isso depende menos do que se poderia imaginar de fatores pessoais ou voluntários. Ao tomar uma expressão verbal ao pé da letra e sentir uma "punhalada no coração" ou uma "bofetada no rosto" após um comentário depreciativo vivido como um fato real, o histerico não está tomando liberdades com as palavras, mas simplesmente revivendo mais uma vez as sensações a que a expressão verbal deve sua justificativa. Como poderíamos referir-nos a alguém que foi menosprezado dizendo que foi "apunhalado no coração", a menos que o menosprezo tivesse de fato sido acompanhado por uma sensação precordial que poderia ser adequadamente descrita por essa expressão e a menos que fosse identificável por essa sensação? O que poderia ser mais provável do que a idéia de que a figura de linguagem "engolir alguma coisa", que empregamos ao falar de um insulto ao qual não foi apresentada nenhuma réplica, originou-se na verdade das sensações inervatórias que surgem na faringe quando deixamos de falar e nos impedimos de reagir ao insulto? Todas essas sensações e inervações pertencem ao campo da "Expressão das Emoções", que, como nos ensinou Darwin [1872], consiste em ações que originalmente possuíam um significado e serviam a uma finalidade. Em sua maior parte, estas podem ter-se enfraquecido tanto que sua expressão em palavras nos parece ser apenas um quadro figurativo delas, ao passo que, com toda probabilidade, essa descrição um dia foi tomada em seu sentido literal; e a histeria tem razão em restaurar o significado original das palavras ao retratar suas inervações inusitadamente fortes.

<sup>14</sup> Considerado o último grande filósofo medieval, Guilherme de Occam marcou, com sua obra, a transição para o pensamento renascentista. Defensor do poder leigo e da racionalidade, antecipou as tendências de secularização que marcaram os tempos modernos.

Guilherme de Occam nasceu em Occam, nos arredores de Londres, por volta de 1285. Ingressou ainda jovem na ordem franciscana, estudou e ensinou filosofia na Universidade de Oxford, onde redigiu sua obra mais famosa, uma série de comentários sobre as *Sententiarum Libri* (Sentenças) do teólogo Pedro Lombardo. Nesses textos, em grande parte reunidos no volume conhecido como *Ordinatio*, expôs a essência de seu pensamento, que parte do pressuposto de que todo conhecimento racional tem base na lógica, de acordo com os dados proporcionados pelos sentidos. Como estes só conhecem indivíduos concretos (por exemplo, "árvores"), os conceitos universais não passam de meios lingüísticos para expressar uma idéia e carecem de realidade física. Defensor da intuição como ponto de partida para o conhecimento do universo, Occam levou às últimas conseqüências o pensamento de Duns Scotus. Um dos princípios que adotou, a lei da economia, ficou conhecido como "navalha de Occam": estabelece que "as entidades não devem ser multiplicadas além do necessário", pois a natureza é por si econômica e não se multiplica em vão. Em outras palavras, não se deve aplicar a um fenômeno nenhuma causa que não seja logicamente dedutível da experiência sensorial. A regra, inspirada na economia medieval, foi usada pelo filósofo para eliminar muitas das entidades com que os pensadores escolásticos explicavam a realidade. Occam realizou assim a separação entre razão e fé, entre filosofia e teologia. Ao defender que só a experiência permite conhecer a causa das coisas, antecipou as vertentes do cartesianismo, do empirismo inglês, do criticismo kantiano e da ciência moderna. A reação provocada por suas idéias obrigou-o a deixar Oxford antes do doutoramento em teologia. Mudou-se para a cidade francesa de Avignon. Adversário do Vaticano na discussão sobre o poder temporal da igreja, foi denunciado como herege ao papa João XXII. Condenado, refugiou-se em Pisa e, mais tarde, acompanhou o imperador Luís da Baviera a Munique, onde continuou seus ataques ao poder papal. Nessa época, redigiu diversos textos político-religiosos.

---

Abordou temas como a infalibilidade do papa e defendeu a tese de que a autoridade papal é limitada pelo direito natural e pela liberdade dos cristãos, afirmada nos Evangelhos. Argumentou que um cristão não contraria os ensinamentos evangélicos ao se colocar ao lado do poder temporal em disputa com o papa. Foi o primeiro filósofo a personificar o espírito da modernidade e pagou essa ousadia com a excomunhão, mas manteve a mesma atitude diante dos papas que sucederam a João XXII. Occam dedicou seus últimos anos ao estudo e à meditação num convento de Munique, onde morreu em 3 de abril de 1349. ©Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda.

<sup>15</sup> Ver meu RSIS.

<sup>16</sup> Ver meu 'Materialismo'.

<sup>17</sup> Ver 'Televisão', pergunta quatro.